



FIDELIDADE NO AMOR, PERSEVERANÇA NA ALEGRIA
Seleção dalguns textos das Orientações da CIVCSVA
O dom da Fidelidade, a alegria da Perseverança

Manuel Barbosa, dehoniano [seleção dos textos]

Depois da apresentação da Semana de Estudos e das Orientações da Congregação para os Institutos de Vida Consagrada e as Sociedades de Vida Apostólica, e antes de entrarmos no desenvolvimento de temáticas específicas, pareceu-nos oportuno visitar alguns textos dessas Orientações, sobretudo da introdução e da conclusão, assim como os números 23-44 sobre a fidelidade no amor e a perseverança na alegria. Não tratamos da parte normativa nesta seleção nem na abordagem dos temas durante a “Semana de Estudos” a decorrer ao longo da Quaresma. Trata-se de uma seleção sem a preocupação de colocar os textos integrais com as respetivas notas de rodapé. Somos convidados a ler e refletir o texto na sua totalidade.

INTRODUÇÃO

1. O nosso tempo é de provas: «é mais difícil viver como pessoa consagrada no mundo atual» (Papa Francisco). A fadiga da fidelidade e a diminuição das forças da perseverança são experiências que pertencem à história da vida consagrada, desde os seus primórdios. A fidelidade, não obstante o seu eclipse no nosso tempo, foi uma virtude inscrita na identidade profunda da vocação dos consagrados: está em jogo o sentido da nossa vida diante de Deus e da Igreja. A coerência da fidelidade permite apropriar-se e reapropriar-se da verdade do nosso próprio ser, isto é, *permanecer* (cf. Jo 15,9) no amor de Deus.
4. Um caminho de fidelidade na perseverança requer saber olhar, com realismo e objetividade, a própria experiência de pessoa consagrada, sem fechar os olhos diante do surgimento de problemas ou críticas, que podem ser sinais de uma fidelidade precária ou desvios de infidelidade.
Uma pessoa consagrada, num caminho de fidelidade autêntica, lê e discerne a própria história e interroga-se, em primeiro lugar, sobre a “fidelidade do amor” (GE 112); aprende a escutar a própria consciência e a formar-se para uma consciência dotada de um reto juízo; disciplina a própria vida, para não esvaziar de sentido o cuidado da interioridade; acolhe o dom da graça divina, promessa e penhor do nosso “permanecer no seu amor” (Jo 15,9).

MEMORIA DEI

23. A fidelidade confronta-se com o tempo, com a história, com a vida quotidiana. Se a fidelidade é virtude essencial a toda relação interpessoal, a perseverança é a virtude específica do tempo: elas interpelam sobre a relação com o outro.

A perseverança, de facto, não pode deixar de ser sustentada por uma *memoria Dei*. Nesse sentido, o cristão, capaz de *memoria Dei*, conhece e recorda o agir do Senhor. É uma memória que envolve o coração do homem, sede da sua vontade e da sua mente. Uma memória sempre renovada da fidelidade divina é aquilo que pode suscitar e sustentar a fidelidade do fiel.

DEUS É FIEL

24. O Papa Francisco exorta frequentemente a fazer memória, a recordar o amor de predileção de Cristo, e especifica: «podemos dizer algo sobre o amor esposal de Jesus com a Igreja.» Um amor que tem “três características: é fiel; é perseverante, não se cansa de amar a sua Igreja; é fecundo”. A fidelidade faz parte da essência do amor de Jesus».

O tema da *fidelidade* e o da *perseverança* são centrais na Palavra de Deus. A fidelidade – *hesed* – é, na verdade, um dos principais atributos de Deus: Deus é fiel. Toda a história da salvação não é mais do que a narrativa dessa Aliança entre Deus e o ser criado, entre Deus e o seu povo, Israel, entre Deus e a Humanidade inteira. Bondade e fidelidade caracterizam a natureza de Deus e todo o seu agir em relação ao povo eleito, mas também para com toda a criação.

CRISTO, ÍCONE DE FIDELIDADE

25. Cristo, testemunha fiel, ensina ao homem a fidelidade, é ícone dela; é fidelidade a Deus Pai. Convida os homens a serem fiéis à sua Palavra. A nós foi dada a graça e pedida a resposta da *fidelidade* ao Pai por meio do Filho, que nos amou e se deu a si mesmo por nós. Um dos títulos primitivos dos cristãos será exatamente o de *fiéis*, para indicar a fidelidade em Cristo (cf. At 10,45; Ef 1,1), animada pelo amor (cf. Jo 15,9s). Paulo utiliza frequentemente essa palavra, seja para pessoas, seja para comportamentos, e menciona, entre os frutos do Espírito, também a *fidelidade* (cf. Gl 5,22).

FIDELIDADE VIVE DO ENCONTRO

26. O encontro com Deus envolve o homem na sua inteireza: somos chamados a viver a total confiança de nós mesmos, intelecto e vontade, mente e coração, firmeza e doçura do consentimento. A fé é o mistério do encontro, feito pelo Espírito, entre o Pai e o Filho no coração do homem que acolhe o Verbo e se deixa conformar a Ele.

O encontro com o Senhor abre o discípulo à plenitude da vida.

PERSEVERAR: MEMÓRIA E ESPERANÇA

27. Antes dessa perseverança *até ao fim*, Jesus exorta os seus a perseverarem no cuidado com a Palavra escutada «com um coração bom e virtuoso» (Lc 8,15) e em dar fruto. Também a Escritura, de facto, se revela fonte de perseverança, de consolação e de esperança, e, ao mesmo tempo, motivo das perseguições que serão enfrentadas (cf. Rm 15,4).

Os textos evangélicos já apresentam alguns dos temas peculiares do tratamento subsequente da *perseverança*, qual carácter necessário e qualificador dos cristãos. A Carta de São Tiago abre-se, de maneira exemplar, exatamente como uma exortação à perseverança: «Considerai uma grande alegria, meus irmãos, quando tiverdes de passar por diversas provações, pois sabeis que a prova da fé produz em vós a paciência. Ora, a paciência deve levar a uma obra perfeita: que vos torneis perfeitos e íntegros, sem falta ou deficiência alguma» (Tg 1,2-4).

A perseverança é entendida antes de tudo como *paciência*, como capacidade de sofrer provações que preparem para ser *perfeitos e íntegros*.

- 28.** Na perseverança, revela-se o amor autêntico por Cristo de quem fixa os olhos do coração e da mente nele, como um atleta fixa a linha de chegada. Quando na vida falta a finalidade, tudo se torna pesado, vazio de sentido, e o amor mostra a sua inconsistência.

O Papa recomenda a perseverança, seguindo sempre as duas indicações propostas pelo Apóstolo: memória e esperança. Memória dos dias felizes do encontro com o Senhor: «por exemplo, quando fiz uma obra boa e senti o Senhor próximo, quando escolhi entrar no seminário, na vida consagrada».

O Dom do Deus da Aliança é também a perseverança das pessoas consagradas, «testemunho eloquente, mesmo sem palavras, do Deus fiel, cujo amor é sem fim». Nascida da experiência viva do Amor que salva, à luz da fidelidade de Deus Pai, Filho e Espírito Santo, a vida consagrada encontra o seu sentido no dinamismo da fidelidade.

PERSEVERAR NA FIDELIDADE

- 29.** A partir dos textos conciliares, o binómio «fidelidade-perseverança» caracterizou o Magistério sobre a vida consagrada. O Concílio, como também os textos posteriores, não entende os dois termos como sinónimos, mas como aspetos inseparáveis de uma única atitude espiritual: a perseverança é uma qualidade indispensável à fidelidade. Sobretudo nos documentos do Concílio e nos que lhe sucederam, a perseverança aparece como um atributo típico da fidelidade, uma sua qualidade constitutiva, que é conjugada com a humildade.

O n. 46 da Constituição dogmática *Lumen Gentium* exprime explicitamente a grandeza da vida de especial consagração que prolonga, na história – por meio do sinal e da obra das pessoas consagradas – a presença de Cristo: «O Sagrado Sínodo confirma e louva os homens e as mulheres, irmãos e irmãs, que, nos mosteiros ou nas escolas e nos hospitais, ou nas missões, com perseverante e humilde fidelidade à predita consagração, honram a Esposa de Cristo e a todos os homens prestam generosos e variadíssimos serviços» (LG 46).

A própria vida dos consagrados e das consagradas é, portanto, definida por meio da sua perseverante e humilde fidelidade à consagração.

AMOR TOTAL E EXCLUSIVO

- 30.** São Paulo VI, no seu Magistério sobre o sacerdócio e sobre a vida consagrada, afirmava o valor da fidelidade perseverante e da totalidade da doação das pessoas consagradas. O Santo Pontífice, mesmo quando não a menciona diretamente, descreve a perseverança como sinal que o consagrado e a consagrada ofereceram irrevogavelmente à própria vida e são plenamente fiéis à própria oferta.

Particularmente incisiva é a Exortação Apostólica *Evangelica testificatio* de 1971, na qual São Paulo VI pedia aos religiosos e às religiosas para serem testemunhas para os homens e as mulheres do próprio tempo de uma vida unificada e aberta, que pode ser garantida somente

na adesão pessoal ao Deus vivente. O Pontífice colocava em relação o testemunho das pessoas consagradas com a perseverança da sua vida.

Nos documentos posteriores, a fidelidade foi cada vez mais descrita como um dinamismo de crescimento, no qual a perseverança exige o compromisso necessário e concorde das pessoas consagradas e dos próprios Institutos. A perseverança assume, cada vez mais clara mente, o valor de testemunho da fidelidade de Deus à aliança estabelecida com a pessoa consagrada, ainda antes da dos próprios consagrados ou das consagradas.

Por ocasião do Sínodo sobre a vida consagrada, a relação entre fidelidade e perseverança foi ainda mais aprofundada, e a fidelidade foi assumida qual termo-chave para resumir e descrever os diversos valores essenciais à vida consagrada.

MARIA, MODELO DE PERSEVERANÇA

31. Qual modelo e sustentáculo de tal «perseverança na fidelidade» das pessoas consagradas, foi constantemente indicada a Virgem Santa Maria.

A expressão «perseverança na fidelidade» constitui uma das chaves interpretativas mais eficazes para ler a Exortação Apostólica *Vita consecrata*. Nela, a perseverança põe-se em direta relação com a própria fidelidade, para além das suas diversas expressões. A perseverança, antes mesmo que na fidelidade à Regra ou ao carisma, diz respeito exatamente à fidelidade a Deus, numa espécie de síntese de todo o caminho da reflexão do Magistério.

ITINERÁRIO DE CRESCENTE FIDELIDADE

32. A fidelidade de Deus para com todo o homem e toda a mulher manifesta-se na criatividade, ao longo de toda a História da Salvação. Consequentemente, também a nossa fidelidade é contrária à fixidez, é chamada a ser dinâmica, como sublinha decididamente *Vita consecrata*, aquilo que se quer conservar torna-se continuamente atual. Fidelidade conjuga-se, então, com criatividade: algo deve mudar e algo deve manter-se. O importante é discernir aquilo que deve permanecer daquilo que pode e deve mudar.

Se a fidelidade definitiva à especial comunhão de amor com o Pai significa fidelidade à vocação, à consagração e à missão recebidas do próprio Pai, a fidelidade a Cristo funda-se não somente no Batismo, mas na aliança sponsal.

É exatamente na fidelidade ao Espírito Santo que todo o consagrado pode ser sempre mais fiel à própria identidade, na medida em que a virgindade pelo Reino «constitui um reflexo do *amor infinito* que une as três Pessoas divinas na profundidade misteriosa da vida trinitária; amor testemunhado pelo Verbo encarnado até ao dom da própria vida; amor “derramado em nossos corações pelo Espírito Santo” (Rm 5,5), que incita a uma resposta de amor total a Deus e aos irmãos» (VC 21).

33. Nessa luz trinitária, compreendem-se as quatro clássicas fidelidades: «Permaneço sempre disponíveis, fiéis a Cristo, à Igreja, ao vosso Instituto e ao homem do nosso tempo» (VC 110). A fidelidade ao Instituto reenvia explicitamente à Trindade, na medida em que todo o carisma é um dom de Deus, que encontra na pessoa humana um colaborador; nesse sentido, a fidelidade pessoal a permanecer num determinado Instituto, embora admitindo exceções, não é uma questão somente humana, mas reenvia à mais profunda escolha de fidelidade a Deus. A fidelidade ao homem do nosso tempo significa amá-lo e servi-lo segundo o coração de Cristo e como modelo da Trindade. Uma fidelidade no modelo trinitário não pode deixar de ser como a de Deus pelo homem, portanto, uma fidelidade total na medida em que vai até ao fundo, até à Cruz.

PERSEVERANÇA NO CAMINHO DA SANTIDADE

34. O consagrado, portanto, é chamado por vocação a viver o discipulado e o seguimento, como uma resposta de amor que implica a total adesão a Cristo no dom de toda a vida, se necessário até à oferta de si no martírio.

A perseverança das pessoas consagradas consiste em seguir o percurso fornecido pelas Regras e pelas Constituições dos Institutos, que inspiram o caminho de santidade no qual o consagrado e a consagrada deve perseverar, com a finalidade de se conformar a Cristo para que possam ser testemunhas e participantes da sua obra redentora.

A VIDA FRATERNA, LUGAR DA PERSEVERANÇA

35. Depois do Concílio, o Magistério amadureceu e aprofundou uma constante elaboração acerca do papel da vida fraterna na perseverança dos consagrados.

O Magistério indica os instrumentos por meio dos quais a vida fraterna é vivificada e nutrida: o Evangelho, a Liturgia eucarística e a oração. Tais instrumentos serão constantemente sugeridos nos documentos posteriores, até encontrar aprofundado desenvolvimento na Instrução *Partir de Cristo*. Progressivamente, é evidenciado que, para uma verdadeira vida de comunhão, é essencial não somente a oração, mas a própria perseverança de cada um dos membros da comunidade no caminho pessoal de adesão a Cristo, a qual se realiza também por meio do cuidado das relações comunitárias. Emerge, além disso, que a perseverança de cada um está em relação recíproca com a perseverança da comunidade.

CORRESPONSABILIDADE DO IRMÃO E DA IRMÃ

36. A forte ligação entre uma vida fraterna autenticamente evangélica e a efetiva capacidade de uma comunidade em formar os jovens religiosos foram amplamente reafirmadas e aprofundadas pela Instrução *Potissimum institutioni*, que, reenviando mais uma vez à «inspiração fundamental» da Igreja descrita pelos Atos dos Apóstolos, «fruto da Páscoa do Senhor», recorda as condições e as exigências que um tal modelo requer: humilde realismo e atitude de fé, renegação de si e acolhida do Espírito, todos caracteres próprios da perseverança.

37. A Instrução *A vida fraterna em comunidade* indica o pleno amadurecimento do valor fundamental da vida em comum, qual sustentáculo e garantia para a perseverança.

A comunidade religiosa, que sustenta a perseverança dos seus componentes, adquire também a força de sinal da perene fidelidade de Deus e, portanto, de sustentáculo para a fé e para a fidelidade dos cristãos, imersos nas vicissitudes deste mundo que parece conhecer cada vez menos os caminhos da fidelidade.

PERSEVERANTES NA ORAÇÃO

39. Nos documentos do Magistério, o tema da oração caracteriza a relação entre perseverança e fidelidade. A primeira perseverança que a pessoa consagrada é convidada a conservar é o pedido constante pela graça da fidelidade: «tanto mais humilde e perseverantemente, [peçam] a graça da fidelidade, jamais negada aos que a pedem» (PO 16).

A ação do Espírito Santo não atenua de modo algum a responsabilidade da pessoa consagrada. Exatamente, ao contrário, a perseverança do consagrado constitui o âmbito e o

meio próprio daquele combate espiritual que põe em ação todas as suas virtudes humanas, o faz sujeito livre no cuidado dos dons da graça recebidos e lhe permite, em cada dia, renovar o valor na dinâmica incessante da conversão. O Magistério não descuidou esse aspeto fundamental da perseverança.

A FORMAÇÃO, FUNDAMENTO DA PERSEVERANÇA

40. A crescente consciência da importância da formação na perseverança da pessoa consagrada e na sua capacidade de lutar por ela encontra na Instrução *Potissimum Institutioni* a sua expressão mais madura e completa. Todo o documento parece mover-se exatamente pela vontade de revigorar, por meio de percursos formativos adequados, a qualidade da vida consagrada e a perseverança de cada uma das pessoas consagradas.
41. Em tal dinamismo, compreende-se a importância da formação contínua, que solicita, tanto a pessoa consagrada como ao Instituto, «continuamente, a verificação da própria fidelidade ao Senhor, a docilidade ao seu Espírito, a constância na entrega, a humildade em superar os contratempos».
- À dimensão comunitária do combate espiritual rumo à santidade faz referência repetidamente também São João Paulo II na *Vita consecrata*, em que recorda aos Institutos a coragem em afrontarem as quotidianas «dificuldades materiais e espirituais» na «plena docilidade à inspiração divina e ao discernimento eclesial» (VC 37).

A ALEGRIA DA PERSEVERANÇA

42. A Instrução *A vida fraterna em comunidade* oferece um outro elemento qualificativo da fidelidade e da perseverança: a alegria. Um critério fundamental de qualidade da vida fraterna é identificado no «testemunho da alegria» de toda a fraternidade, que constitui um ulterior «sustentáculo à perseverança» da pessoa consagrada. «Não se pode esquecer, enfim, de que a paz e o gosto por estar juntos são um dos sinais do Reino de Deus. A alegria de viver, mesmo no meio das dificuldades do caminho humano e espiritual e dos aborrecimentos quotidianos, já faz parte do Reino. Essa alegria é fruto do Espírito e envolve a simplicidade da existência e o tecido monótono do quotidiano. Uma fraternidade sem alegria é uma fraternidade que se apaga. Os membros serão tentados, muito rapidamente, a procurar noutros lugares o que não podem encontrar em casa» (VFC 28).
44. O Magistério do Papa Francisco é particularmente atento à alegria. *Evangelii gaudium, Amoris laetitia, Gaudete et exultate* – esses títulos enunciam uma exigência evangélica decisiva na vida dos discípulos: a urgência da alegria, que é alegria do Evangelho, alegria do amor, experiência alegre da comunhão com o Senhor Jesus. Dirigindo-se aos consagrados, ele convida-os continuamente a testemunhar a alegria: «Essa é a beleza da consagração: é a alegria, a alegria...». A alegria de levar a todos a consolação de Deus.
- A alegria, para o Papa Francisco, não é inútil ornamento, mas exigência e fundamento da vida humana. No afã quotidiano, todo o homem e toda a mulher tendem a alcançar e a fazer morada na alegria com a totalidade do ser, a alegria é motor da perseverança.

A FORÇA DA VOCAÇÃO

100. “Permaneço no meu amor” (Jo 15,9): é o pedido que Jesus faz aos seus discípulos, durante a Última Ceia. Esse imperativo é também uma entrega, uma oferta da verdade fundamental, que permite permanecer em comunhão vital com Cristo. Entrega confiada aos discípulos de ontem e de hoje, especialmente aos homens e às mulheres consagradas, que afrontam o desafio de viver em ambiente fortemente secularizado, correndo o risco de perder o fervor e a alegria da própria doação a Cristo e à Igreja.

DISCÍPULOS DESTINADOS A DAR FRUTOS

102. No longo discurso de despedida que dirige aos seus, Jesus manifesta a sua vontade de lhes comunicar o amor do Pai, amor capaz de fazer frutificar todas as coisas e de assegurar uma autêntica generatividade. Do amor do Pai está plena a sua vida, e Jesus não deseja outra coisa senão derramá-lo na vida dos discípulos. Por isso, pede aos seus para se fundarem no seu amor, para imergirem na atmosfera filial da sua existência e para habitarem na troca incessante do amor que transcorre entre Ele e o Pai.

PERMANECER É PERSEVERAR

104. Cristo ensina-nos que habitar na corrente do amor de Deus, fazer nele morada estável, é a condição para fazer com que o nosso amor não perca, pelo caminho, o seu ardor e a sua audácia.

Aquilo que permite permanecer no amor de Jesus é a observância dos seus mandamentos, a escuta dócil da sua Palavra. Essa escuta muda o coração dos discípulos: de um coração de *servos* faz dele um coração de *amigos* que se estabelece numa relação autêntica e duradoura com Jesus.

PARA QUE A VOSSA ALEGRIA SEJA PLENA

105. A missão dos batizados consiste em fazer frutificar os dons divinos em vantagem para todos, no modo de Jesus que se deu a si mesmo pelos seus amigos e *para a vida do mundo*. Permanecer no amor é compreender também que o amor é serviço, é assumir o cuidado dos outros. Somente o amor do Pai, revelado em Jesus, tem o poder de arrancar dos discípulos o risco de fugas e descarrilamentos, e de os destinar à fecundidade: “fui Eu que vos escolhi e vos designei, para irdes e produzirdes fruto, e para que o vosso fruto permaneça” (Jo 15,16).

MARIA, MULHER FIEL E PERSEVERANTE

106. A Maria, nossa Mãe, a mulher fiel que deseja a fidelidade dos seus filhos e das suas filhas, na resposta de amor e de dedicação total a Cristo, confiamos todos os consagrados e consagradas, para que perseverem na alegria da vocação recebida: